

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

JÚLIA BEATRIZ KRÜGER RIEWE

**(RE)PENSANDO METODOLOGIAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE  
LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIMENTANDO  
TÉCNICAS BASEADAS NA OBRA *AULA NOTA 10*, DE DOUG LEMOV**

PONTA GROSSA  
2022

JÚLIA BEATRIZ KRÜGER RIEWE

**(RE)PENSANDO METODOLOGIAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE  
LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIMENTANDO  
TÉCNICAS BASEADAS NA OBRA *AULA NOTA 10*, DE DOUG LEMOV**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para a obtenção do título de  
Licenciado em Letras – Português/Inglês na  
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Vollet  
Marson

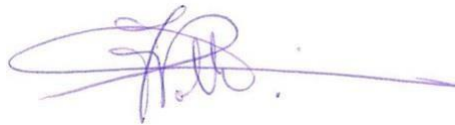
PONTA GROSSA  
2022

JÚLIA BEATRIZ KRÜGER RIEWE

**(RE)PENSANDO METODOLOGIAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE  
LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIMENTANDO  
TÉCNICAS BASEADAS NA OBRA AULA NOTA 10, DE DOUG LEMOV**

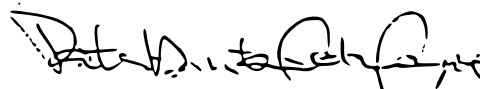
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de Licenciado  
em Letras – Português/Inglês na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de  
Letras.

Ponta Grossa, 19 de dezembro de 2022.



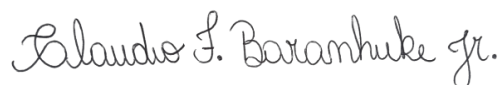
Profa. Dra. Isabel Cristina Vollet Marson – Orientadora  
Doutora em Letras

Universidade Estadual de Ponta Grossa



Profa. Ma. Patricia Barreto Mainardi Maeso  
Mestra em Letras

Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof. Ms. Cláudio Fernandes Baranhuke Junior  
Mestre em Estudos da Linguagem  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

## **AGRADECIMENTOS**

Obrigada, primeiro, a ti, ó Deus, por todo o auxílio durante minha vida e agora ainda mais, nesse trabalho árduo para concluir meu curso, mas também por teres me acompanhado nos anos que se passaram, em cada trabalho complicado, em cada noite de turbulência antes de uma prova ou de situações difíceis. Toda honra e glória seja dada ao teu nome.

Agradeço a meus pais, Ilmo e Carmen, que sempre acreditaram em mim e incentivaram meu desenvolvimento profissional e pessoal. Vocês são a razão de tudo, desde a infância até aqui e além.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Isabel Cristina Vollet Marson, por ser tão paciente e dedicada, me ajudando em cada parágrafo e cada etapa de minha pesquisa – seu auxílio foi fundamental para meu crescimento acadêmico. Agradeço à UEPG por possibilitar o processo deste trabalho e por ter me proporcionado grande parte do desenvolvimento da profissional que sou hoje. Agradeço à escola e à diretora do colégio em que a pesquisa foi realizada.

*“Success is doing ordinary things extraordinarily well”.*  
*Jim Rohn*

## RESUMO

Ensinar a língua inglesa num mundo globalizado em constante mudança tem se tornado um grande desafio para docentes no mundo todo. Partindo do pressuposto que não há um único método e abordagem para ensinar língua inglesa no mundo contemporâneo, busco, através deste trabalho, testar e analisar o uso de quatro técnicas propostas por Lemov (2011) no livro *Aula nota 10* na sala de aula de língua inglesa, em turmas do fundamental I, num período de quatro semanas, dentro de uma escola particular localizada nos Campos Gerais, Paraná. Em relação aos objetivos específicos, primeiramente faço a revisão da literatura, para compreender as diferenças entre método, técnica e abordagem; em seguida reflito sobre os pontos positivos e negativos das quatro técnicas de Lemov (2011) aplicadas no ensino fundamental, nas turmas do 4º e 5º anos. O aporte teórico tem como base autores que discutem as diferenças entre abordagem, método e técnica (ANTHONY, 1963; BORGES, 2010). Na sequência, apresento autores que discutem as técnicas propostas por Lemov (2011), como Freitas (2011), Cushing (2021) e Hollabaugh (2011). A pesquisa, de cunho qualitativo-interpretativista, é feita com base na minha própria prática avaliei os resultados por meio de um diário reflexivo (BOSZKO; ROSA, 2020). As anotações se estenderam por um período de quatro semanas (entre setembro e outubro de 2022). Os resultados indicaram que, segundo o guia de Lemov (2011), os alunos tendem a ser mais produtivos e a otimizar o tempo de aula se expostos a uma rotina previamente preparada e ensinada, além de se manterem dentro de uma organização claramente melhor, levando em consideração material, tarefas e preparação para aula. Concluí que professores (especialmente de línguas, nesse caso) devem buscar sempre por novas formas e meios de lecionar para que motivem seus alunos e ainda a si mesmos. Além disso, o discurso e a atitude positiva são muito influentes para que tais motivações ocorram.

**Palavras-chave:** formação de professores; ensino-aprendizagem de língua inglesa; técnica; *Aula nota 10*; reflexão sobre a própria prática.

## ABSTRACT

Teaching English language in a constantly changing globalized world has become a major challenge for teachers all over the world. Based on the assumption that there is no single method and approach for teaching English in the contemporary world, this paper aims to test and analyze the use of four techniques proposed by Lemov (2011) in the book *Aula nota 10* (Teaching like a champion) in elementary classes in a period of four weeks in a private English school in Campos Gerais, Paraná. Regarding the specific objectives, I seek to review the literature to understand the differences among method, technique, and approach; to reflect on approaches in English teaching and learning; to reflect on the strengths and weaknesses of Lemov's (2011) four techniques applied in elementary school. The theoretical background is based on authors who discuss the differences among the concepts of approach, method, and technique (ANTHONY, 1963; BORGES, 2010). Next, I present authors who discuss Lemov's techniques such as Freitas (2011), Cushing (2021), and Hollabaugh (2011). The research has a qualitative-interpretative nature. It is based on my own practice, and I evaluated my personal results by using a reflexive diary (BOSZKO; ROSA, 2020). The notes were taken in a period of four weeks (between September and October of 2022). The results indicated that, according to Lemov's (2011) proposals, students tend to be more productive and optimize class time if they are exposed to a previous prepared taught routine, as well as maintaining a better organization, taking into account material, activities and class preparation. I concluded that teachers (especially language teachers in this case) should always look forward to new ways and strategies to teach, so that they can motivate their students and even themselves. In addition, the positive discourse and attitudes are very influential for such motivations to happen.

**KEYWORDS:** Teacher training; English language teaching and learning; technique; *Aula nota 10*; reflection on own practice.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 REFLETINDO SOBRE ABORDAGEM, MÉTODO E TÉCNICA NO ENSINO DE LÍNGUAS</b> .....	11
1.1 Diferenciando abordagem, método e técnica .....	11
<b>2 AULA NOTA 10 (LEMOV): UMA PERSPECTIVA DE ENSINO</b> .....	15
2.1 Que técnicas serão testadas? .....	16
2.1.1 Técnica comentada .....	18
2.2 As técnicas sob o olhar de vários autores .....	19
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	25
3.1 A pesquisa bibliográfica .....	25
3.2 O diário reflexivo como instrumento de geração de dados .....	26
<b>4 APLIQUEI AS TÉCNICAS DE LEMOV (2011): E AGORA?</b> .....	28
4.1 A Técnica 28 – “Rotina de entrada” .....	28
4.2 A Técnica 33 – “Em suas marcas” .....	30
4.3 A Técnica 37 – “O que fazer” .....	33
4.4 A Técnica 43 – “Discurso positivo” .....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41



## INTRODUÇÃO

Diferentes perspectivas teórico-práticas guiam o trabalho do professor, que faz uso de técnicas e abordagens para ensinar a língua estrangeira. Na visão de Almeida Filho (2002), quando um professor escolhe os conteúdos, planeja e seleciona os procedimentos didáticos para aplicar em determinada aula, ele se pauta por uma concepção teórico-prática que guia o seu fazer pedagógico. O referido autor destaca ainda: “[...] a abordagem é uma filosofia de trabalho, um conjunto de pressupostos explicitados, princípios estabilizados e mesmo crenças intuitivas quanto à natureza da linguagem humana, de uma língua estrangeira em particular, de aprender e de ensinar línguas” (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 13). Pensando nesse processo complexo de ensinar a língua inglesa em contextos variados, que envolve a crença do professor, a sua abordagem de ensinar língua e as mudanças constantes do mundo contemporâneo, interessei-me em testar outras possibilidades didático-pedagógicas nas aulas de língua inglesa em que atuo como professora.

Tudo teve início quando li o livro *Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência*, de Doug Lemov. Ao fazer essa leitura, comecei a pensar no contexto dos alunos para os quais leciono e me questionei: que abordagem de ensino seria adequada para tratar a língua fluida, em constante transformação, as práticas de letramento (envolvendo as múltiplas semioses) e a participação ativa e colaborativa dos alunos? Será que as técnicas propostas por Lemov (2011) funcionariam com os alunos que tenho na escola particular?

Mesmo sabendo que a proposta das técnicas (LEMOV, 2011) se voltava para o público norte-americano, perguntei-me se elas poderiam ser utilizadas no contexto brasileiro, mais especificamente com alunos do ensino fundamental I – anos em que atuo como docente numa escola particular.

Como professora em formação, sei que não há uma única abordagem de ensino de línguas e que o êxito do ensino-aprendizagem depende de uma série de fatores relacionados às escolhas didático-pedagógicas que os docentes fazem, ao conhecimento de mundo que os alunos trazem para a sala de aula, à visão teórico-

epistemológica do professor e às condições estruturais e físicas do contexto em que se ensina, entre outros.

Ainda que eu tivesse consciência da complexidade do processo de ensinar a língua inglesa para crianças, senti-me motivada a experimentar as técnicas propostas por Lemov. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é testar e analisar o uso de quatro técnicas propostas por Lemov (2011) no livro *Aula nota 10* na sala de aula de língua inglesa, em turmas do fundamental I, num período de quatro semanas, dentro de uma escola particular localizada nos Campos Gerais.

Organizei o texto deste trabalho de conclusão de curso em cinco capítulos. No primeiro, trato das diferenças entre abordagem, método e técnica (ANTHONY, 1963).

No segundo capítulo faço uma breve contextualização da obra *Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência*, de Lemov (2011), discutindo como o autor pensou nas técnicas e como elas podem ser aplicadas nas aulas de língua inglesa. Ainda nesse capítulo, trago a reflexão de autores que discutem a aplicabilidade das técnicas em contextos variados, como Freitas (2011), Cushing (2021) e Hollabaugh (2011).

No terceiro capítulo abordo o percurso metodológico. Este estudo se enquadra nos pressupostos da investigação qualitativa que acontece na situação natural, e o pesquisador se preocupa com a descrição e a construção dos significados (TUCKMAN, 2002). Além de pesquisa bibliográfica de autores que discutem o uso das técnicas de Lemov (2011) na sala de aula, a pesquisa qualitativa interpretativista prevê a análise do diário reflexivo (BOSZKO; ROSA, 2020) da autora deste trabalho, gerado durante a aplicação de quatro técnicas na sala de aula do ensino fundamental I, por quatro semanas, numa escola privada da região dos Campos Gerais.

No quarto capítulo faço uma reflexão sobre a aplicação das técnicas propostas por Lemov (2011). Na sequência, apresento as Considerações Finais, seguidas das Referências.

## 1 REFLETINDO SOBRE ABORDAGEM, MÉTODO E TÉCNICA NO ENSINO DE LÍNGUAS

Considerando importante refletir sobre a ação do professor na sala de aula e suas escolhas metodológicas, discuto brevemente neste capítulo as diferenças entre abordagem, método e técnica.

Para discutir com propriedade as técnicas propostas por Lemov (2011), acredito ser imprescindível diferenciar os termos *abordagem*, *método* e *técnica*.

Na visão de Anthony (1963), é importante que o professor saiba diferenciar abordagem, método e técnica para melhor compreender o processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira. Borges (2010, p. 398) cita Anthony para explicar que há uma realocação dos termos *abordagem*, *método* e *técnica* de modo a explicitar os limites de cada termo e avançar nas discussões no campo de ensino das línguas. Segundo Anthony (1963, p. 63), “[...] A disposição é hierárquica. A chave organizacional é que as técnicas levam a um método que é consistente com uma abordagem”<sup>1</sup>.

Como os termos são inter-relacionados e difíceis de conceituar, trarei a perspectiva de vários autores.

### 1.1 Diferenciando abordagem, método e técnica

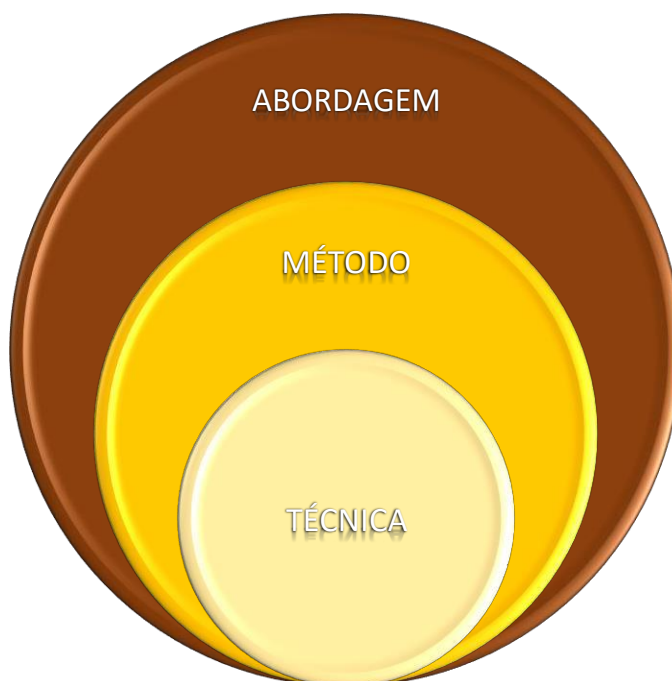
Anthony (1963, p. 63-64) conceitua *abordagem* como “[...] um conjunto de pressupostos correlativos que lidam com a natureza da língua e a natureza do ensino e aprendizagem das línguas. Uma abordagem é axiomática. Descreve a natureza da matéria a ser ensinada”<sup>2</sup>. A respeito dessa discussão, Monteiro (2017, p. 58) explica que *abordagem* é um termo amplo e inclui os termos *método* e *técnica*. A imagem a seguir mostra a visão hierárquica dos três termos discutidos por Anthony (1963).

---

<sup>1</sup> No original: “[...] *The arrangement is hierarchical. The organizational key is that techniques carry out a method which is consistent with an approach*”.

<sup>2</sup> No original: “[...] *a set of correlative assumptions dealing with the nature of language and the nature of language teaching and learning. An approach is axiomatic. It describes the nature of the subject matter to be taught*”.

Figura 1 – Visão hierárquica dos termos *abordagem*, *método* e *técnica* (ANTHONY, 1963).



Fonte: Adaptado de Anthony (1963).

A respeito disso, é possível afirmar que a abordagem, sendo axiomática, delineia a visão do professor sobre o ensinar e o aprender. A abordagem traz um ponto de vista, uma filosofia sobre o ensino-aprendizagem da língua.

Borges (2010, p. 422) se refere a Anthony para fazer distinções entre “[...] abordagem (axiomática), método (processual) e técnica (uma habilidade particular, um planejamento, ou uma maneira de fazer para alcançar um objetivo imediato)”. Segundo ela, é importante entender essa relação hierárquica e readequar os termos para que haja avanços no ensino de línguas. De acordo com Borges (2010, p. 398), “[...] uma técnica levaria a cabo um método que deveria ser coerente com uma abordagem”. Por essa perspectiva os conceitos estão intrinsecamente relacionados.

Método então seria, segundo Anthony (1963), um plano procedimental para chegar a uma organização do material da linguagem. Ele ainda destaca que existem diversos métodos e que será usado aquele que melhor se encaixar no que o professor precisa, conforme o nível de conhecimento do aluno a respeito da língua estrangeira.

Além disso, segundo o artigo publicado na revista *New Routes* (s.d., *online*), a palavra *método* é proveniente do grego e significa “através de uma direção”; a partir dessa significação, obtém-se uma percepção de que a abordagem, através de pressupostos teóricos, leva ao método, que é o caminho para a organização do ensino-aprendizagem de língua. É possível afirmar que, “em termos lógicos, um método não pode preexistir a uma abordagem, visto que é alinhado com ela e tem o propósito de aplicar essa abordagem escolhida de forma organizada e baseada em princípios”<sup>3</sup> (NEW ROUTES, s.d., tradução minha).

De acordo com Baranhuke Junior (2021, p. 22), “[...] método seria um caminho a ser seguido para se chegar a um determinado fim”. Segundo o autor, método não pode ser confundido com metodologia: “[...] método é um plano ordenado, global e processual de práticas de ensino, mais ou menos prescritivas/normativas, necessárias para a aplicação efetiva de uma abordagem”.

No que diz respeito à técnica, pode-se dizer que ela é um termo mais concreto e bem mais afinado (como mostrado na Figura 1). Na visão de Anthony (1963, p. 66), “[...] a técnica é algo que se implementa – aquilo que de fato acontece em sala de aula. [...] As técnicas dependem do professor, de sua arte individual e da composição da turma”<sup>4</sup> (ANTHONY, 1963, p. 66, tradução minha).

Pode-se destacar que a implementação da técnica depende das ações do professor em sala de aula. A esse respeito, Monteiro (2017) ressalta:

[...] Como a técnica é algo que acontece em sala de aula, ela depende dos agentes como professor e aluno, sendo que o professor pode utilizar diferentes técnicas para alcançar os objetivos propostos no método e na abordagem frente aos diferentes perfis de educandos. (MONTEIRO, 2017, p. 57).

Assim, pode-se perceber que o professor faz uso de técnicas para conseguir atingir seus objetivos. Para Anthony (1963), a técnica é complexa, pois, para que ela seja implementada, é necessário que esteja em consonância com o método e com a abordagem de ensino.

Partindo dessa conceituação, é possível concluir que a abordagem pode ser considerada um termo guarda-chuva (ANTHONY, 1963), que representa um conjunto de suposições teóricas e filosóficas que guiam o professor na sala de aula. Já o método seria um conjunto de ações, atividades, que o professor utiliza na sala de aula. Por fim,

a técnica está relacionada àquilo que se implementa de forma prática no contexto da sala de aula. Segundo Anthony (1963, p. 66), a técnica pode ser considerada um artifício para se atingir determinado objetivo.

## 2 AULA NOTA 10 (LEMOV): UMA PERSPECTIVA DE ENSINO

Muitas abordagens têm contribuído para o ensino de língua estrangeira no decorrer da história. Sabemos que diversas técnicas e métodos já foram testados, conforme discutem autores como Larsen-Freeman (2009), Richards e Rodgers (2014), Borges (2012) e Oliveira (2014). No entanto, vi a necessidade de ir em busca de outras alternativas metodológicas a fim de atender às demandas que presenciei na escola depois da pandemia. Senti que me pautar por uma única abordagem para o ensino de língua no contexto em mudança que estamos vivendo se mostrou ineficiente. Foi quando me deparei com a obra *Aula nota 10*, de Lemov (2011), e fiquei estimulada a testar as técnicas em algumas das turmas em que leciono.

Pode-se ver com frequência institutos de línguas propondo métodos “milagrosos” para o ensino-aprendizagem de língua inglesa, mas sabemos que essa é uma discussão complicada, pois envolve uma série de fatores, incluindo as preferências didático-pedagógicas dos docentes, suas crenças, suas escolhas epistemológicas, o contexto em que se vai ensinar a língua, o público-alvo, o conhecimento de mundo que os alunos trazem para a sala de aula, entre outros tantos fatores.

Sendo assim, busco aqui trazer um estudo aprofundado de minha própria prática no que diz respeito às técnicas de Doug Lemov (2011), que podem também ajudar educadores e futuros educadores a: 1. resolver problemas em sala de aula; 2. ampliar seu repertório de atividades no contexto educacional cotidiano, fazendo com que haja um maior engajamento por parte dos alunos; 3. criar uma rotina de aulas que funcione dentro do planejamento proposto. (LEMOV, 2011, p. 20-25).

As técnicas foram escolhidas para se complementarem durante o percurso da aula; as duas últimas fazem jus àquilo em que acredito: incentivo e positividade como ferramentas fundamentais no ensino. O livro *Aula nota 10* é apresentado como um conjunto de técnicas (49) que podem auxiliar o trabalho do professor em sala (LEMOV, 2011, p. 20). Esta pesquisa se fundamenta na obra traduzida para o português com auxílio da Fundação Lemann. Apesar de as técnicas trazidas pelo autor serem preparadas com base na realidade americana, consideramos que elas podem ser

aplicadas ao contexto brasileiro. Segundo Becskeházy e Mello (2011, p. 13), Lemov parte do pressuposto que

[...] os professores que irão aprender e aplicar as técnicas descritas no livro têm um domínio completo do conteúdo a ser ensinado, contam com um currículo claro, detalhado e rigoroso que os orienta em sala de aula, e utilizam o planejamento de maneira sistemática em seu trabalho pedagógico.

## 2.1 Que técnicas serão testadas?

Nesta pesquisa, das 49 técnicas propostas pelo autor, quatro serão colocadas em prática e testadas, enquanto outras duas serão analisadas. Baseio-me em autores que avaliam os pontos positivos e negativos do uso das técnicas de Lemov (2011), como Freitas (2011), que estuda a aplicação das técnicas de Lemov em escolas brasileiras e o uso do inglês como língua adicional; Valenti (2019), que discute o uso das técnicas do autor na sua pesquisa de mestrado; Cushing (2021), que critica o uso da metodologia na Inglaterra; Hollabaugh (2011), que faz uma revisão da obra de Lemov. Através da releitura de minha própria experiência, farei uma análise daquilo que pode ser efetivo dentro de uma sala de aula de inglês como segunda língua no ensino fundamental de uma escola privada da região dos Campos Gerais, no Paraná.

A primeira é a Técnica 28 (LEMOV, 2011, p. 171), intitulada “Rotina de entrada”, que será posta em prática em conjunto com a Técnica 33 (LEMOV, 2011, p. 180), intitulada “Em suas marcas”. As técnicas sugerem um primeiro contato com o contexto da escola. Buscam criar uma rotina em sala e conseguem complementar-se de forma adequada. Essa não é uma ideia do autor, mas foi algo que me pareceu pertinente quando estudei as técnicas que eu queria testar.

A Técnica 28, “Rotina de entrada”, consiste na ideia de que é possível estabelecer um padrão inicial para a aula, uma rotina que se dá sempre no começo, criando o hábito da eficiência, produtividade e bom estudo (LEMOV, 2011, p. 171), favorecendo a organização dos alunos e do professor, e otimizando tempo. Isso traz um tempo mais metrado para a aula, tornando mais fácil o ensino porque os alunos já sabem previamente o que deve ser feito: “[...] eles devem fazer exatamente a mesma coisa todos os dias, sem ninguém mandar” (LEMOV, 2011, p. 172).



A Técnica 33, “Em suas marcas”, parte do pressuposto que é importante os alunos estarem prontos para a aula antes mesmo que ela se inicie. Quanto a isso, o autor exemplifica: “Um técnico não começa o treino pedindo aos jogadores que calcem as chuteiras; todo mundo já aparece calçado.” (LEMOV, 2011, p. 180). Lemov nos apresenta cinco pontos de como podemos ensinar nossos alunos a “estarem em suas marcas” quando a aula começa. Resumidamente, são estes: 1. ser explícito com relação ao material que eles devem ter em mãos; 2. ter um tempo determinado para que tudo esteja organizado e pronto; 3. ter uma consequência pequena (como, por exemplo, um trabalho extra ou a perda de um privilégio), que sempre será a mesma, para os alunos que não colaborarem com essa técnica; 4. ajudar aqueles que dependem de um material, como quando a ponta do lápis quebra ou quando eles não têm borracha, por exemplo, visto que existem casos que pedem uma preparação prévia e um imprevisto na hora da aula acontece; 5. incluir e verificar a lição de casa na rotina, sempre no início da aula (LEMOV, 2011, p. 181).

A próxima técnica é a 37 (LEMOV, 2011, p. 198), “O que fazer”. Ela traz o pressuposto que você deve dizer aos alunos o que eles devem fazer. Mas como? De forma clara e objetiva, com detalhes. Lemov defende que

[...] uma boa parte da desobediência dos alunos – uma parte maior do que a maioria dos professores imagina – não é causada por desafio à autoridade, e sim por desconhecimento: os alunos entendem mal uma orientação, não sabem como segui-la ou tiveram um breve momento de distração (LEMOV, 2011, p. 198).

Na visão do autor, instruções apropriadas e claras podem ajudar o professor em sala de aula. Lemov (2011, p. 198, 199) dá alguns exemplos, parecidos com o que se segue: muitas vezes repetimos a frase “senta, Joãozinho!”, mas o aluno, depois de três minutos, já está passeando novamente. Isso se dá pelo fato que não colocamos nossa ordem de forma clara. O autor pontua quatro tópicos fundamentais ao analisar essa técnica: ser específica, ser concreta, ser sequencial e observável: “[...] se eu disser ao João ‘Ponha os pés embaixo da mesa, o lápis na mesa e olhe para mim’, posso ver claramente se ele fez o que eu pedi. Ele sabe muito bem que eu posso ver se ele fez ou não fez e, portanto, é mais provável que ele faça” (LEMOV, 2011, p. 200). Ao discorrer sobre os quatro tópicos, o autor explica:

[...] 1) Específica – orientação eficaz é específica. Concentra-se em ações gerenciáveis e descritas precisamente, que os alunos podem executar; 2)

concreta – orientação eficaz não é apenas específica; envolve sempre que possível, tarefas claras que qualquer aluno sabe executar; 3) sequencial – prestar atenção é uma habilidade complexa, raramente limitada a uma ação específica; 4) observável – descrever ações observáveis: coisas que eu posso vê-lo [o aluno] fazer, claramente (LEMOV, 2011, p. 199).

Trato agora da Técnica 43, “Discurso positivo”, que faz com que os alunos sejam incentivados por meio de intervenções positivas e construtivas. O professor ensina de maneira otimista, bem-humorada e segura (LEMOV, 2011, p. 224). Com essa técnica, é possível trabalhar o emocional do aluno para que ele fique motivado. Na visão do autor,

[...] Estudos psicológicos têm mostrado que as pessoas ficam mais estimuladas a agir quando vislumbram um resultado positivo do que quando acreditam estar se protegendo de um resultado negativo. Este fator deve influenciar a sua forma de ensinar. Isso não significa que você não deva ser zeloso ao reagir a um caso de desatenção ou a comportamentos não construtivos. Você deve, sim, procurar melhorar o comportamento de seus alunos, fazer isso de maneira consistente e, quando necessário, com sanções claras e firmes (LEMOV, 2011, p. 224).

Percebemos que, através dessa técnica, o professor pode criar um ambiente prazeroso e seguro através de alguns passos básicos (LEMOV, 2011, p. 225-230). O autor é bem claro quando destaca que não é apenas questão de elogiar ou deixar de corrigir o aluno; pelo contrário, é necessário que a intervenção ocorra de maneira construtiva e positiva (LEMOV, 2011, p. 224), dentro de propostas que ele traz durante a técnica, que tendem a ser um guia de grande ajuda.

### 2.1.1 Técnica comentada

A Técnica 46, “Fator A” (LEMOV, 2011, p. 235), está ligada ao lado emocional do professor, que se faz refletir em seus alunos e em sua forma de ensinar. O autor topicaliza atividades que são usadas por um “excelente professor” em sala de aula: 1. diversão e jogos; 2. nós (e eles) – mostrar que os alunos fazem parte da aula; 3. teatro, música e dança; 4. humor; 5. suspense e surpresa. A ideia no geral é atrair e mostrar aos alunos que eles fazem parte de um grupo e que uma aula alegre é uma aula que traz alto rendimento: “[...] Os melhores professores realizam seu trabalho com doses generosas de energia, paixão, entusiasmo, diversão e bom humor – não necessariamente como antídoto para o trabalho pesado, mas porque essas são algumas das maneiras mais básicas de trabalhar bem”. (LEMOV, 2011, p. 235).

Acredito que a experiência de outros autores e localidades com o uso das técnicas pode me auxiliar como pesquisadora a ter um olhar crítico para as técnicas e para o contexto dos meus alunos. Além disso, é possível ver o uso de metodologias similares à de Lemov (2011), como a proposta por Burgess e Bates (2009) na obra *Other duties as assigned tips, tools and techniques for expert teacher leadership*, em que os autores apresentam dicas, ferramentas e técnicas que podem auxiliar o professor em sala de aula.

## 2.2 As técnicas sob o olhar de vários autores

É notável que o mundo contemporâneo exige dos docentes a contínua reciclagem e o desafio de encarar abordagens inovadoras e experimentais. Devido às mudanças constantes a que estamos sujeitos, as metodologias “estagnadas e repetitivas” não são mais aceitáveis ou suficientes para acompanhar a necessidade que nossos alunos têm de aprender. De acordo com Santos (2009), é fundamental que o professor pense em metodologias diferenciadas, pois, desse modo,

[...] a função docente passa a ser de facilitar diálogos com os saberes, respeitando-se a diversidade e as características de cada um dos participantes do processo educativo, aceitando-se cada aluno como um ser indiviso, com estilo próprio de aprendizagem e diferente forma de resolver problemas (SANTOS, 2009, p. 80).

Ainda segundo a autora, é possível ter uma noção clara da importância de trabalharmos com ideias mais direcionadas dentro da estrutura de nossas aulas, para que o ensino traga um objetivo definido para os alunos. Eles precisam entender a razão de estarem aprendendo algo, para que o lecionar e o entender, ambos, se tornem mais prazerosos e deem retorno mais positivo no decorrer do planejamento que está sendo aplicado. Em relação aos conhecimentos que os aprendizes recebem na escola, Santos (2009, p. 2) aponta:

A atual estrutura educacional, sedimentada com base em princípios seculares, tem levado os docentes a uma prática de ensino insuficiente para uma compreensão significativa do conhecimento, e muitas vezes suas respostas não satisfazem aos alunos, que perguntam: “por que tenho que aprender isso?”.

Entretanto, há quem discorde das ideias de Lemov (2011), argumentando que essas técnicas não poderiam ser aplicadas no ensino público no contexto brasileiro.

Freitas (2011) lembra que a obra *Aula nota 10* (LEMOV, 2011) foi gratuitamente distribuída em diversas instituições e para pessoas da área da educação do estado de São Paulo. A autora observa que determinadas ideias e práticas podem ser adequadas e utilizadas dentro de diferentes contextos da sala de aula, para análise daquilo que os alunos podem produzir ou para trazer respostas mais específicas àquilo que se espera deles. Entretanto, a autora reitera que as técnicas não são adequadas quando pensamos num contexto sociointeracionista. Na visão de Freitas (2011, p. 12-13),

[...] o domínio de técnicas pelo professor só faz sentido atrelado a um construto mais amplo que primeiramente se volta para a construção de sentidos para o que quer que se faça na escola. [...] Desse modo, só se torna efetivo saber verbalizar instruções específicas, concretas, sequenciadas e observáveis para os aprendizes (capítulo 6, p. 178-9, versão original) se o que se empreende na sala de aula tenha como premissa fazer sentido para além dos muros da escola.

A meu ver, o sentido da palavra “amplo” a que a autora se refere está relacionado a “alguma abordagem” que fundamenta essa ideia. Além disso, a autora questiona se o que se aprende com as técnicas é possível ser aplicado na realidade fora da escola. Como docente, acredito que todo e qualquer professor necessariamente está embasado epistemologicamente por abordagens e metodologias que, mesmo que intuitivamente, guiam sua prática. Doug Lemov fomenta o uso de técnicas em benefício da aprendizagem do aluno e destaca ainda que aquilo que funciona para uns pode não funcionar para outros.

Seria importante que o professor conhecesse seu aluno e procurasse aplicar algo em prol de um ensino-aprendizagem efetivo, dinâmico e colaborativo. Lemov (2011) ressalta que seu objetivo é trazer um manual que seja usado como base para ajudar professores nas suas aulas para que saibam o que fazer e por onde começar. O autor procurou elaborar um material detalhado e rico com base na experiência dos professores que estudou: “Eu tentei descrever essas técnicas da maneira aplicável, específica e concreta que permite que você possa começar a usá-las amanhã mesmo” (LEMOV, 2011, p. 20). E ainda explica como deve ser usado o livro:

A estrutura do livro permite que você escolha técnicas para melhorar aspectos específicos da sua própria forma de ensinar, uma por vez e na ordem que quiser. Ao mesmo tempo, o leque completo das técnicas funciona em sinergia; usar uma delas torna a próxima melhor ainda e a soma é maior do que o conjunto das partes (LEMOV, 2011, p. 21).

Com base no que Lemov propõe, vejo que, apesar de Freitas (2011) defender que as técnicas podem não funcionar num contexto sociointeracionista e que elas podem não ser efetivas para a realidade brasileira, o que mais precisa ser levado em consideração é que: 1. o livro foi escrito como suporte para o professor e não deve ser tomado como base de uma aula; 2. mesmo que a proposta das técnicas tenha sido pensada para o contexto educacional de um país de primeiro mundo (EUA), ela pode ser aplicada a outro; 3. o leitor crítico pode dar significado àquilo que lê (um livro), podendo aproveitar o que é interessante para sua prática e descartar aquilo que pode não fazer sentido. Assim, como professora, tirei proveito daquilo que li, no sentido de a leitura ser somativa, e resgatei o que poderia ser positivo para melhorar minha didática enquanto professora.

Vejo que a proposta não precisa ser vista simplesmente como um leque de pontos que talvez possam ser aplicados, como avalia Freitas (2011) no final de seu artigo. Por outro lado, Hollabaugh (2021), em sua revisão, ressalta pontos positivos da obra de Lemov (2011). A autora dá destaque aos benefícios que a proposta traz. Segundo ela, as técnicas podem ajudar os alunos a serem bem-sucedidos nos exames internacionais. Assim, o livro é indicado como um recurso para “[...] professores que planejam os seus objetivos, avaliações formativas e oportunidades de aprendizagem individualizadas de forma a alcançar altas pontuações nos testes padronizados dos estudantes”<sup>3</sup> (HOLLABAUGH, 2011, p. 121).

Outro ponto focalizado por Hollabaugh (2021) é que Lemov observou aulas e professores por dez anos e percebeu que alguns se queixavam que os alunos tinham baixas notas nos exames. Ela vê o autor colocar o “ensinar bem” (HOLLABAUGH, 2011) como prioridade em seu livro e diz que, se isso for algo que pode ser aplicável, reproduzido, a publicação de Lemov é essencial não só para professores, mas para escolas e universidades que recebem essas informações para preparar os alunos para a sociedade futura. Ela ainda ressalta que, após a leitura, viu que a maior parte do que Doug Lemov propõe deve ser levado em consideração, que seu estudo é benéfico em

---

<sup>3</sup> No original: “[...] teachers who plan their objectives, formative assessments, and individualised learning opportunities in a way that achieves high student standardised test scores”.

várias formas e que, apesar de a maioria dos professores ali citados ter sido observada em ambiente de treinamento de professores e também em ambientes controlados, isso não tira o mérito das técnicas. Hollabaugh (2011) termina a revisão recomendando a leitura e a aplicação das técnicas de Lemov, reforçando que essa leitura pode auxiliar o professor, pois poderá ampliar o leque de possibilidades pedagógicas em sala de aula.

Saliento, como autora desta pesquisa, que Lemov (2011), desde o início do livro, pontua que, para termos bons resultados, precisamos querê-los e ter preparo para isso, visto que não são técnicas extraordinárias, mas estão organizadas de uma forma que possa facilitar e fazer a aula funcionar. Ele afirma:

Muitas das técnicas sobre as quais você vai ler neste livro podem, à primeira vista, parecer comuns, corriqueiras, até decepcionantes. Nem sempre elas são especialmente inovadoras. Nem sempre elas são brilhantes do ponto de vista intelectual. Às vezes elas se chocam com teorias educacionais. Mas lembre-se das realizações do insignificante cinzel. Em mãos bem treinadas, ele cria rostos que emergem da pedra e que são muito mais surpreendentes do que a ferramenta mais bonita e mais sofisticada do mundo. (LEMOV, 2011, p. 22).

Aproveito para destacar a expressão “mãos treinadas”, usada pelo autor. Ele mostra que cada técnica é um processo e precisa, assim como em qualquer outra área, ser repetido para que atinja a dita “perfeição” ou, nesse caso, efetividade. O único meio possível para isso é a prática em si. O próprio Lemov ressalta a importância de um professor bem-preparado, com um currículo alinhado ao seu planejamento e com determinação de trazer o melhor a partir do domínio de conhecimentos e técnicas para seus alunos:

Esses professores extraordinários fazem rotineiramente o que mil programas sociais consideram impossível: eliminar a desvantagem escolar dos pobres, transformar os alunos em risco de fracassar em bons alunos, que acreditam no estudo, reescrevendo assim a equação da oportunidade (LEMOV, 2011, p. 18).

Outro autor que discute as técnicas de Lemov é Ian Cushing (2021), no artigo denominado “*Language, discipline and teaching like a champion*”. Cushing faz uma crítica às políticas educacionais voltadas ao ensino médio na Inglaterra. Na visão do autor, há mecanismos políticos que controlam os currículos, os livros didáticos e o modo de agir na sala de aula. Numa pesquisa etnográfica, Cushing explora como a disciplina na linguagem pode estar correlacionada à linguagem do corpo. O autor critica a obra “*Teaching like a champion*” (LEMOV, 2011), que pode ser vista como uma forma de obter “o controle do comportamento e da linguagem dos alunos” (CUSHING, 2021, p. 27).

Questiona a imposição dura de uma linguagem formal, disciplina e cobrança extrema dos alunos com uma política “sem desculpas” e “tolerância zero” (CUSHING, 2021, p. 38). Ainda menciona o fato de o professor ser o poder absoluto em sala, que tem controle do sistema e do aluno por completo e, por fim, usa de punições caso algo se desvie de seu objetivo. O autor critica a ideia de que “[...] os professores são construídos como ‘treinadores’, ‘heróis’, ‘elites’ e, de fato, ‘campeões’ que estão engajados em trabalhos filantrópicos e de afirmação da vida, como missionários neocoloniais cujo trabalho é salvar crianças pobres e ‘urbanas’”<sup>4</sup>. O autor repete inúmeras vezes que o controle dos movimentos, do comportamento e do ambiente de sala é errôneo, mas não consegue justificar essa crítica de forma concisa. Ele pontua que há uma linha tênue que acaba borrada entre a linguagem e a disciplina nos casos de um ambiente efetivo de ensino, visto que os alunos devem se portar conforme as regras estipuladas pelo professor.

A meu ver, há pontos positivos e negativos a se considerar na proposta de Lemov (2011). O próprio Cushing admite que o artigo se baseia nos dados de uma única escola de ensino médio na Inglaterra, mas alega que a popularidade da obra de Lemov (2011) está em baixa com a prevalência do modelo padrão da língua inglesa (CUSHING, 2021, p. 38). Discordo de alguns posicionamentos do autor quando ele critica a proposta de busca pelo ensino superior. Pode-se dizer que nem todos os alunos são preparados para entrar na universidade, mas esse problema é complexo e envolve políticas educacionais, de avaliação, preparo dos professores, seleção dos conteúdos, entre outros quesitos.

Isso me leva a entender que, ao tentar organizar uma sala, organizar material, organizar um sistema que traga maior benefício ao meu aluno e a mim, como educadora, devo me esforçar para atingir o objetivo – não porque vivemos em uma constante busca da perfeição, mas para entender que existem diferenças entre o “culto” e o “coloquial”. Na escola, o aluno pode perceber que utiliza a língua de modo diferente de acordo com o ambiente que frequenta. Isso porque há contextos e ambientes para cada maneira de falar, de se comportar, de se vestir (por exemplo, na escola usamos uniforme, porque o contexto pede isso; na escola lemos textos e autores importantes dentro de nossa

---

<sup>4</sup> No original: “*Teachers are constructed as ‘coaches’, ‘heroes’, ‘elites’ and, indeed, ‘champions’ who are engaged in philanthropic and life-affirming work, as neocolonial missionaries whose job is to save poor, ‘urban’ children*” (CUSHING, 2021).

literatura porque precisamos conhecer nossa cultura e o ambiente da universidade vai exigir uma segunda língua e o entendimento da norma culta). Dito isso, o aluno precisa passar por um treinamento na escola para que consiga compreender o ambiente acadêmico.



### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Como exposto na introdução, o objetivo geral desta pesquisa é testar e analisar o uso de quatro técnicas propostas por Lemov (2011) no livro *Aula nota 10*, na sala de aula de língua inglesa, em duas turmas do fundamental I num período de quatro semanas, dentro de uma escola particular localizada nos Campos Gerais, no Paraná. Em relação aos objetivos específicos, eu me propus a: 1. revisar a literatura para compreender as diferenças entre abordagem, método e técnica; 2. refletir sobre os pontos positivos e negativos das quatro técnicas de Lemov (2011) aplicadas no ensino fundamental.

Buscando compreender melhor as técnicas de Lemov, coloquei-as em prática. Optei por quatro técnicas (28, 33, 37 e 43 – que serão explicadas no capítulo 4) que me chamaram a atenção no livro e que, a meu ver, funcionariam com minhas turmas escolhidas de 4º e 5º anos. Havia 12 alunos na turma do 4º ano e 15 alunos na do 5º ano. Eles têm entre 9 e 11 anos de idade e estudam em uma escola dos Campos Gerais de ensino privado que tem em torno de 300 alunos entre os períodos matutino e vespertino, do ensino infantil até o ensino fundamental II.

Para a observação e melhor análise dos dados, fiz uso da pesquisa qualitativa, que, segundo Cardano (2017, p. 15), prevê

[...] a utilização de uma forma de observação mais próxima e a harmonização dos procedimentos de construção do dado às características do objeto ao qual se aplicam, a submissão do método às peculiaridades do contexto empírico ao qual ele se aplica.

Por meio da observação de aulas e dos resultados da análise da minha prática em sala, cheguei aos principais pontos que deram relevo ao conteúdo deste trabalho. Busquei as transformações mais significativas e os dados que enfatizaram a minha ideia de pôr em prática as técnicas, trazendo isso para a escrita.

#### 3.1 A pesquisa bibliográfica

Priorizando ainda a pesquisa bibliográfica, trago a definição de Souza, Oliveira e Alves (2021, p. 66):

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico, o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico.

Busquei então, embasar-me em artigos que fossem favoráveis à escrita de Lemov (2011), mas também trouxe ideias contrárias àquilo que ele propunha, isso porque acredito que a visão correta e a aplicação das técnicas, combinadas à abordagem e métodos adequados, podem trazer benefícios incontáveis para alunos e professores na aula. A pesquisa baseada em outros autores foi fundamental para meu desenvolvimento pessoal, assim como a pesquisa que realizei. Os autores que leram o livro antes de mim trouxeram pontos que diversas vezes me passaram despercebidos e que pude acrescentar à minha pesquisa.

### 3.2 O diário reflexivo como instrumento de geração de dados

Criei um diário de todas as minhas aulas, durante quatro semanas. Tinha duas aulas por semana em cada turma e registrei as mudanças do comportamento e do andamento de meu lecionar conforme as transições causadas pela aplicação de cada técnica. Apesar de minhas aulas serem em inglês, trago meus dados para a pesquisa em português, a fim de facilitar o processo do leitor.

Por falar em diário reflexivo, as autoras Boszko e Rosa frisam a importância de uma escrita como essa para o ativo desenvolvimento do professor em sala de aula: “[...] Atualmente, os diários aparecem como meio de registrar narrativas sobre o contexto e objetivo delimitado a partir do referencial norteador” (BOSZKO; ROSA, 2020, p. 23). De acordo com Minayo (2001, p. 63), os diários de campo são instrumentos utilizados para registrar as “[...] percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas”. Pela perspectiva de Hess (2006, *apud* BOSZKO; ROSA, 2020, p. 27), “[...] o diário de campo capta, dia a dia, as percepções, os eventos vividos, as entrevistas, mas também os *flashes* de compreensão que emergem”.

Andra e Pontin (2010, p. 17), refletindo sobre o uso e a importância do diário reflexivo para o professor, destacam:

Esse tipo de avaliação fornece ao professor várias informações sobre o curso do processo educativo, permitindo-lhe emitir juízo sobre o desenrolar do seu trabalho e de acordo com esse juízo modificá-lo para adequá-lo às características, capacidades e necessidades de seus alunos.

Portanto, é de extrema importância que o educador possa usar o material produzido durante a observação de sua própria aula para que possa rever seu método de aplicação e sua forma de direcionar determinado conteúdo e atividade, tentando melhorar e aprimorar seus meios de ensino. Boszco e Rosa (2020) concluem desta forma sua pesquisa relacionada a diários:

[...] podemos entender que os diários, em suas diferentes estruturas e concepções, apresentam como riqueza a oportunidade do registro escrito das narrativas pessoais. Dessa maneira, justifica-se o uso do diário como acervo de narrativas, como um instrumento de produção de histórias e como meio de promoção do desenvolvimento reflexivo. Além disso, salienta-se a importância da definição da terminologia a ser utilizada em cada contexto, bem como da teoria estruturante para melhor atender o objetivo almejado com o uso do instrumento. (BOSZCO; ROSA, 2020, p. 32-33).

## 4 APLIQUEI AS TÉCNICAS DE LEMOV (2011): E AGORA?

Iniciei a pesquisa no dia 12 de setembro de 2022 e a dei por encerrada no dia 5 de outubro de 2022. A diretora da escola conversou comigo e se mostrou disposta a ajudar com tudo aquilo que fosse preciso para que a pesquisa se desenvolvesse com os alunos do 4º e 5º anos. Ela assinou uma carta em que concorda com o estudo por meio dos diários das aulas ministradas na escola. Para executar cada uma das técnicas, decidi que seria melhor anotá-las e descrevê-las no início do meu caderno de bordo (ou diário) para que, no decorrer das minhas escritas, somente o número da técnica fosse suficiente para eu poder começar a narrar as experiências. Além disso, mantinha o livro na minha bolsa: caso me recordasse de alguma outra técnica que porventura pudesse ser eficiente para a situação, eu tentava usá-la em sala.

### 4.1 A Técnica 28 – “Rotina de entrada”

Apliquei as técnicas com certa dificuldade nas primeiras aulas, mas busquei pontualmente distribuí-las de forma organizada para que pudesse seguir um padrão no andamento do estudo durante as semanas. Decidi que daria início pela Técnica 28 (LEMOV, 2011, p. 171), chamada de “Rotina de entrada”.

No 5º ano, assim que eles entraram em sala, pedi silêncio e expliquei que tinha um “desafio” para eles. Todos me olharam com curiosidade e atenção. Disse que, a partir daquele momento, sempre que eles chegassem em sala, deveriam fazer três coisas antes mesmo de falarem comigo, de me chamarem, mostrarem agenda ou explicarem qualquer situação. Nada disso deveria acontecer nas próximas aulas, pois o que seria feito era (organização minha, baseada na proposta da técnica em vista): 1. sentar-se no lugar correto, o que já tínhamos decidido havia algumas aulas; 2. deixar o livro aberto sob a mesa na página da tarefa; 3. o lápis deve ficar sempre posicionado do lado direito do livro, para estarem preparados para a correção. Perguntei: “Posso contar com vocês?” – em inglês: “*Can I count on you?*”. Eles responderam ávidos, em forma de

consentimento, em ambas as turmas. A palavra “desafio” claramente os motivou a querer cumprir a tarefa. Repeti a mesma explicação na turma do 4º ano.

Na aula seguinte, ficou claro que o combinado não havia funcionado, especialmente no 5º ano, visto que muitos vieram até mim com o livro na mão ou agendas. Dois alunos tinham trocado de lugar e todos estavam agitados. O 4º ano se mostrou um pouco mais organizado: os alunos estavam sentados, mas conversavam, os livros estavam na mochila e as carteiras desorganizadas. Quando essas situações acontecem, eu não altero meu tom de voz ou minha postura. Paro em frente à turma, sem dar retorno algum para os alunos que estão de pé com o material nas mãos, e ergo minha mão. Imediatamente, todos se sentam e avisam uns aos outros: “A *teacher* quer falar!”. Esse posicionamento sempre me ajudou, porque eu o repeti diversas vezes e eles entendem que o momento de fala precisa ser meu, para que a aula tenha início. Agradei o silêncio e a ajuda deles, e falei que eles foram rápidos ao se organizar, o que era muito bom. Nesse sentido, busco aplicar o que Lemov ressalta na Técnica 38 do livro, a qual aplico desde que a conheci, anos antes de iniciar a pesquisa. Ela se chama “Voz de Comando” (LEMOV, 2011, p. 202) e tem cinco princípios dentro dela, que são: 1. economia de palavras; 2. só fale quando todos estiverem ouvindo; 3. não mude de assunto; 4. linguagem corporal; 5. poder silencioso. A técnica consiste na ideia que precisamos ter controle da nossa voz, da expressão corporal que fazemos e da nossa próxima fala. É necessário falar para que todos ouçam, de forma que o silêncio vem a ser melhor que qualquer coisa que você vá dizer. E você só pode falar quando todos estiverem te ouvindo e atentos, visto que isso demonstra a importância daquilo que vai ser dito.

Decidi então, depois de me decepcionar um pouco com a primeira visão da minha ideia não funcionando, pontuar novamente as três tarefas que, na aula anterior, havíamos inserido para início de aula. Eles se lembravam. Falei que o combinado não tinha sido cumprido e que eles deveriam, assim como eu, anotar nos cadernos deles os três tópicos (que eu coloquei no quadro). Eles fizeram isso.

Na aula seguinte, apenas um aluno (4º ano) estava sem o material sob a mesa e somente uma menina trouxe o livro até mim para mostrar a tarefa. Já no 5º ano, por ser uma turma maior, quatro alunos trouxeram a tarefa para minha mesa quando

cheguei. Apesar disso, já houve uma melhora na organização. Pude perceber um progresso enorme, apenas com uma forma mais clara de explicar para meus alunos aquilo que eu queria que eles fizessem. Percebe-se aí um erro meu, visto que teria poupado tempo de minhas aulas se tivesse passado as técnicas no quadro e repetido com eles já na primeira vez que as mostrei.

Nas aulas que se seguiram, tive clara percepção de que houve um avanço muito bom no sentido de organização da sala e dos alunos. Em menos de três minutos da minha presença em sala eu já estava passando nas carteiras e verificando a realização da tarefa deles, o que otimizou o tempo da minha aula de maneira significativa. Essa técnica foi essencial para que eu aprendesse a necessidade que as crianças têm de rotina e organização para que possam se concentrar e estar calmas para iniciar a aula. Meu excerto final, após quatro semanas de teste com essa técnica foi:

Não acho que não houvesse uma rotina antes, mas acredito que aquela rotina que existia foi ampliada e aperfeiçoada para uma melhor e mais organizada. Os alunos entram mais confiantes e preparados porque sabem exatamente o que é esperado deles, visto que é algo que está se repetindo há 8 aulas. A longo prazo, imagino que isso vá elevar o nível da minha aula, proporcionando mais facilidade para lidar com a quantidade de conteúdo proposto no planejamento porque haverá mais tempo por conta da organização imediata, além de tranquilidade para alunos que às vezes se mostram inquietos já no início da aula. (DIÁRIO DA AUTORA, 05/10/2022).

Resultou dessa técnica grande curiosidade de minha parte para torná-la efetiva desde o início do ano em 2023, para que eu obtenha resultados ainda mais satisfatórios ao final de um processo mais longo e mais aprofundado com a técnica.

#### 4.2 A Técnica 33 – “Em suas marcas”

A Técnica 33 (LEMOV, 2011, p. 180) trouxe um efeito muito positivo porque, além de ter se atrelado à Técnica 28 (LEMOV, 2011, p. 171), “Rotina de entrada” (isso porque ela aponta a ideia de que os alunos devem saber exatamente o que ter em mãos e o que fazer em aula antes mesmo de ela se iniciar), traz à tona a ideia de rotina, quando eles repetem a mesma coisa, criando um padrão.

Para tornar essa técnica mais dinâmica, fiz uso de um *timer* digital *online* na tela do computador da sala de aula, o que trouxe grande interesse para os alunos. Eles me perguntavam: “O que vamos fazer?”, “É um jogo?”, “Podemos fazer grupos?” (anotações de meu diário, dia 12/09/2022). Respondi que sim, que seria como um jogo e eles

trabalhariam como um grande grupo. O “time” seria a turma toda. “Os oponentes de vocês são vocês mesmos. Vocês vão realizar a atividade e vamos ver qual o tempo que vão levar. Na próxima aula, o desafio é que vocês realizem a atividade em menos tempo, mas vocês precisam se esforçar para que as respostas estejam corretas. Ou seja, a conversa pode existir, mas ela precisa ser sobre o exercício. Se ajudem! Me peçam ajuda! Vamos tentar?” – resposta que dei às perguntas. A respeito disso, Lemov (2011) aponta:

Estabeleça um limite no tempo. Seja específico sobre quando os alunos devem ter tudo pronto. Se você não for claro, seus esforços para responsabilizar os alunos que não cumprem a ordem vão resultar em discussões, porque eles dirão coisas do tipo: “Nós vamos arrumar tudo!” ou “Estamos começando agora!” (LEMOV, 2011, p. 180, 181).

O que eu decidi, então, foi estudar o tempo inicial natural deles e, a partir disso, estabeleci um limite de minutos para cada atividade que eles realizariam nas aulas seguintes. O desafio inicial foi uma maneira que encontrei de motivá-los a fazer os exercícios, para depois aplicar um “padrão”, como sugere Lemov. Além disso, o autor ressalta a importância de você ter uma consequência chave para os alunos que não estão “Em suas marcas” quando a aula começa, algo simples, que possa ser repetido sempre. Como a escola tem isso preestabelecido, eu mantive o que me é ordenado: o aluno que não traz o material ou não realiza a tarefa tem a agenda carimbada pela professora, e esse carimbo deve ser assinado pelos pais, para que fiquem cientes do ocorrido.

Na aula seguinte, dia 14 de setembro de 2022, após o primeiro dia do combinado (12 de setembro), quatro alunos estavam fora de “suas marcas” no 5º ano, um não tinha agenda, o segundo e o terceiro não realizaram a tarefa, e o último havia esquecido o livro em outra sala e teve que se ausentar para buscá-lo. Todos receberam um carimbo. Conversei com as crianças e lembrei da importância da organização e da responsabilidade com materiais e tarefas para que elas possam criar independência e aprender melhor o conteúdo. Disse que todas essas preocupações que os professores têm são por conta de proporcionar o melhor para uma aprendizagem efetiva. Eles compreenderam e um dos alunos que não realizou a tarefa disse: “*Teacher*, eu dormi muito tarde, pois fui para um aniversário ontem, aí não deu tempo”. Eu respondi: “Eu entendo, mas você precisa se organizar com suas tarefas antes de um evento ou

atividade diferente do seu dia, para aproveitar melhor suas saídas, sem deixar de lado seus afazeres”. Ele concordou e disse: “*Okay, teacher!* Hoje vou fazer a tarefa”. “Combinado, Joãozinho (nome fictício)!”.

Já no 4º ano, todos estavam “em suas marcas”, com material sob a mesa, agendas posicionadas e em seus lugares, me aguardando para o início da aula.

Esse excerto da minha aula trouxe para mim a percepção de que eles têm consciência daquilo que precisam fazer e de suas responsabilidades, mas que muitas vezes nós pecamos quando não os ensinamos a respeito disso. Em determinados momentos, subentendemos que eles já sabem o que fazer ou como fazer e não os instruímos, baseando-nos no fato que nós já sabemos fazer. Precisamos, como orientadores e mestres em sala, facilitar o aprendizado para os nossos estudantes, para que se desenvolvam como pessoas curiosas e que buscam o conhecimento.

Essa técnica ressalta a importância que tem a tarefa de casa, entretanto isso é algo que já estava dentro do percurso da minha aula, desde que comecei a lecionar. Meus alunos recebem *homework* ao final de cada aula, e no início da próxima eu verifico quem a fez e então corrigimos. É algo que me leva a pensar em quanto a rotina é importante para quem estuda e para quem leciona, visto que eles não têm tempo de reclamar de ter tarefa: eles sabem que já faz parte do conjunto de atividades da aula e dos afazeres de casa que eles precisam realizar durante a semana, o que torna o processo prático.

Percebi, com essas turmas, no decorrer das quatro semanas, que a Técnica 33, “Em suas marcas”, foi, além de otimizadora na questão de tempo, motivadora para que eles cumprissem os afazeres dentro do tempo estipulado para cada atividade. Eles colocavam esforço naquilo para focar e resolver, porque nenhum deles queria “decepcionar” a turma. O interessante, ainda, foi ver que eles torciam pelos colegas que ainda não haviam terminado o exercício, com frases de incentivo, como “Joãozinho, termine, você consegue fazer! Se quiser, eu te ajudo!” (Aluno 1). Quando, porventura, algum deles não terminava a tempo, nas primeiras vezes ficava chateado ou decepcionado, entretanto tive uma conversa com a classe para enfatizar que “Está tudo bem se você não terminou. Vai haver mais vezes para tentar. Agora, vamos corrigir e



você (me referindo ao aluno que não terminou) pode me ajudar com as respostas da letra A, que é o primeiro exercício e que você conseguiu realizar”.

Técnicas como essa envolvem certa maleabilidade do professor e cuidado com o uso de palavras, para que os alunos não se sintam intimidados ou desencorajados na próxima vez. Cabe a nós, educadores, estudarmos nossos discursos em sala de aula e vermos como eles afetam nossos alunos. Estamos sendo incentivadores ou amedrontadores? O discurso positivo motiva muito mais do que qualquer palavra de repreensão, desde que saibamos corrigir o aluno sempre que necessário. Isso é abordado mais detalhadamente na Técnica 43, “Discurso positivo”, mas ela necessita de destaque aqui, visto que influencia na maioria dos momentos em sala.

#### 4.3 A Técnica 37 – “O que fazer”

Essa técnica é muito pertinente no sentido de nos trazer reflexões acerca da forma como solicitamos algo aos nossos alunos, já que diversas vezes somos incompreensíveis em nossas ordens e pedidos. A esse respeito, Lemov destaca:

Uma boa parte da desobediência dos alunos – uma parte maior do que a maioria dos professores imagina – não é causada por desafio à autoridade, e sim por desconhecimento: os alunos entendem mal uma orientação, não sabem como segui-la ou tiveram um breve momento de distração. Reconhecer isso significa dar aos alunos uma orientação que ofereça instruções claras, úteis e suficientes para que qualquer aluno possa seguir o comando facilmente. (LEMOV, 2011, p. 198).

Foi importante para que eu repensasse como explicaria as atividades para as crianças, como corrigiria a postura e os comportamentos inadequados, como pediria que eles prestassem atenção e ainda outros aspectos que surgiram durante as aulas. Essa técnica não faria parte de uma “rotina”, mas deveria implicar resultados nela. Por exemplo, sempre que eu percebi que dois alunos estavam conversando, usei da frase “Ana e Bárbara (nomes fictícios), conversar é muito legal, eu também gosto, mas agora eu preciso que vocês virem para frente, olhem para mim e coloquem os lápis no estojo, pois ainda não estamos usando esse material”. Isso foi muito importante porque era algo concreto, uma instrução que eu dava e podia visualizar os alunos fazendo, o que trazia a atenção deles para o movimento e o foco de volta à aula. Lemov (2011) recomenda sobre essas orientações observáveis:

Descrevi ações observáveis: coisas que eu posso vê-lo fazer, claramente. Isso é crucial. Minha orientação concentrou-se em uma série de passos específicos e simples o suficiente para que qualquer aluno pudesse executar e, por isso, o componente observacional de minha orientação deixou muito pouco espaço de manobra para João escapar. Se eu lhe digo para prestar atenção, não posso verificar se ele fez isso e, portanto, não posso responsabilizá-lo por sua atitude. (LEMOV, 2011, p. 199).

Percebi, com o 5º ano, uma turma grande, que, no decorrer das aulas, mesmo com as atividades, isso foi importantíssimo para eles, visto que precisam de silêncio geral para poderem entender o próximo passo da matéria. Para que os exercícios fossem compreendidos, usei frases como a que anotei no dia 28/09/2022:

Na página 49, vocês devem usar a tabela no topo para referência. Encontraram? Okay, agora olhem para a atividade 1 e vejam o exemplo em negrito. Acharam? Vamos entender o que deve ser feito. Quando terminarmos, eu faço a letra A com vocês e aí vocês podem tentar sozinhos durante 4 minutos, combinado? (DIÁRIO DA AUTORA, 28/09/22).

Eu sempre me certificava, por meio de uma pergunta, de que todos estavam seguindo minhas instruções, para que eu não ficasse falando frases muito longas ou por muito tempo, o que me faria perder a atenção deles.

Ao fim da aplicação dessa técnica, percebi com as turmas que, por serem exercícios mais complexos nesse livro, elas estavam desempenhando bem o papel e muitas vezes já conseguiam se guiar sozinhas e nem queriam explicação. Diziam: “não precisa explicar, profe, a gente lembra que é para usar a tabela no exercício” (Diário da autora, 23/09/2022). Eu, mesmo assim, insistia em explicar, porque há alunos com mais dificuldade por conta do uso da língua estrangeira.

Essa técnica traz a clara percepção que nós, como professores, precisamos rever nossas maneiras de dar instruções e orientar os alunos. Uma simples explicação, como “abram na página 20 e realizem o exercício 2 conforme o enunciado”, não é suficiente para que eles compreendam e realizem a atividade de maneira efetiva. Essa explicação pode até levar os alunos a seguirem o comando desejado, mas as chances de que eles sejam bem-sucedidos na atividade são pequenas. Com a prática de comandos por semanas, usando frases mais explicativas, como “Na página 20, abaixo da tabela azul, temos o exercício 2. Conforme vamos ler no enunciado, precisamos descobrir qual o sujeito das frases. Vocês lembram o que é sujeito? Isso mesmo, a pessoa que realiza uma ação, faz uma atividade. Vamos fazer o primeiro exercício juntos,

no quadro”. Esse exemplo torna a aula mais clara para os alunos e os motiva a querer tentar. Quando eles não entendem, se sentem desmotivados e resolvem (geralmente) apenas esperar pela correção conjunta com a turma, sem se esforçarem para tentar realizar a tarefa solicitada.

#### 4.4 A Técnica 43 – “Discurso positivo”

Na Técnica 43, Lemov (2011) introduz o assunto:

As pessoas são muito mais motivadas pelo positivo do que pelo negativo. A busca pelo sucesso e a felicidade é mais incentivadora que tentar evitar uma sanção. Estudos psicológicos têm mostrado que as pessoas ficam mais estimuladas a agir quando vislumbram um resultado positivo de que quando acreditam estar se protegendo de um resultado negativo. Esse fator deve influenciar sua forma de ensinar. Isso não significa que você deve ser zeloso ao reagir a um caso de desatenção ou a comportamentos não construtivos. Você deve, sim, procurar melhorar o comportamento de seus alunos, fazer isso de maneira consistente e, quando necessário, com sanções claras e firmes. Mas quando você estiver fazendo isso, a técnica Discurso Positivo mostra que as suas intervenções serão muito mais eficazes quando apresentadas de forma positiva. (LEMOV, 2011, p. 224).

Essa técnica é um fator motivacional que deve haver dentro de nossas aulas para tornar o ambiente mais leve e dinâmico, a fim de criticar menos e incentivar mais, para que não se criem traumas, mas se construam visões que mostrem o erro como forma de crescimento, não motivo de desmerecimento. Um aluno não pode ter medo de errar para que não seja repreendido, pois isso impede que ele se desenvolva intelectualmente. Nós, como professores, temos papel fundamental nesse processo.

Utilizei essa técnica muito antes de conhecê-la de fato. Ao ler o livro de Lemov (2011), pude ter uma visão clara a respeito de como ela pode trazer benefícios para minha aula e para meus alunos quando aplicada realmente dentro da abordagem e do método trabalhados em sala.

Para me “forçar” a lembrar dessa técnica, coloquei um *post-it* na capa de meu caderno e escrevi “ser positiva”. Assim, o que eu recordava da Técnica 43 era que cada vez que um aluno respondesse de forma equivocada a uma questão, que ele se decepcionasse com seus erros, que deixasse de fazer alguma tarefa, eu deveria responder de forma positiva (sim, um incentivo aqui também é melhor do que um comentário repreensivo).

Dessa forma, a técnica (LEMOV, 2011, p. 225-229) possui seis pontos chave: “1) viva o agora; 2) pressuponha o melhor; 3) permita anonimato aceitável; 4) gere energia e faça descrições positivas; 5) desafio! 6) fale de aspirações e expectativas”.

Explicarei resumidamente cada uma delas: 1. viva o agora: corrija no momento, não insista em erros passados; 2. pressuponha o melhor: seja positiva e até que tenha certeza daquilo que houve, mantenha o pensamento de que seus alunos tentaram o melhor, demonstrando confiança neles; 3. permita anonimato aceitável: por exemplo, chamar atenção da turma pedindo silêncio é melhor do que falar o nome daquele que está bagunçando, sugerindo um esforço da parte dele; 4. gere energia e faça descrições positivas: tentar não narrar aquilo que de errado está acontecendo, mas, pelo contrário, dar ênfase àquilo que está no caminho certo, como por exemplo “Gabriel, muito bom, você já começou a copiar. Mais algumas pessoas já estão iniciando também, que legal, gente!”. Uma frase assim é muito melhor do que “Só o Gabriel começou a copiar? João e Pedro, vocês ainda não estão copiando!”. Isso gera medo e receio nos alunos, visto que não se sentem encorajados, mas humilhados pelo professor; 5. desafio: incentive seus alunos por meio de desafios, como por exemplo “Uau, vocês estão muito rápidos, vamos tentar fazer o próximo exercício 10 segundos mais rápido?”; 6. fale de aspirações e expectativas: diga que vê o futuro brilhante que eles vão ter. Que vê neles futuros presidentes, artistas, atletas. Eles usam esses elogios para determinar metas, mesmo em sala (LEMOV, 2011, p. 225-229).

Consegui ver grande retorno dessa técnica num contexto de uso geral, em todas as aulas. É imprescindível pontuar quanto palavras positivas mudam o humor das pessoas e mesmo a capacidade de aprender. O Instituto NeuroSaber publicou um artigo ressaltando a importância disso para as crianças “Algumas crianças, especialmente aquelas que são menos confiantes, precisam de mais incentivo. Quando o elogio se concentra no esforço, é provável que elas vejam o esforço como algo bom e têm mais probabilidade de continuarem enfrentando os desafios” (INSTITUTO NEUROSABER, 2020, *online*). Isso só reforça o que Lemov (2011) busca pontuar, que não é o elogiar de forma vazia ou para criar uma rotina de comentários positivos, mas, sim, para que os alunos se esforcem para desenvolver autoconfiança e almejem buscar resolver problemas que lhes forem apresentados no decorrer da vida pessoal e profissional.

Parece necessário incluir neste tópico algo que eu não podia deixar de fora: o retorno fantástico que os alunos tiveram quando expostos a novos desafios – nesse caso, a primeira prova do trimestre. Apenas um aluno ficou de recuperação. O resto da classe tirou uma nota consideravelmente boa, o que me fez acreditar que o retorno que eu buscava estava começando a aparecer ali.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência* foi de extrema importância para o meu crescimento profissional e pessoal, já que abrange desde técnicas simples (como a ideia de ser claro nos comandos aos seus alunos) até mais complexas (por exemplo, a ideia de criar nomes para cada passo da aula, como ele faz com as técnicas do livro).

Uma vez que a proposta era testar e analisar quatro técnicas de Lemov (2011) em contexto brasileiro, considero que atingi o meu objetivo nesta pesquisa. Mesmo sabendo que o autor escreveu o livro com base no sistema público americano, acredito que as técnicas foram úteis para os alunos de ensino fundamental da rede privada de uma escola dos Campos Gerais. Percebi que todas as técnicas podem ser válidas se aplicadas de forma repetitiva e consistente, mas levam tempo para que sejam adequadas ao ambiente e às crianças. Um dos últimos excertos de meu diário traz este registro, do dia 03 de outubro:

Ao entrar na sala, o 4º ano estava sentado de forma organizada, com seus livros abertos na página da tarefa, o lápis posicionado ao lado e todos me aguardavam em silêncio. A primeira coisa que me perguntaram foi a respeito do desafio do dia: disseram que estavam “preparados”. Em menos de quatro minutos, eu havia conferido todas as tarefas – até por conta da pequena quantidade de alunos – e o *timer* estava a postos para fazermos a correção conjunta no quadro. Antes de iniciar, me vi na necessidade genuína de parabenizá-los pela preparação e organização. Eles realmente tinham entendido a proposta e, melhor, estavam aproveitando o processo de forma divertida. Usando da Técnica 44 (Elogio Preciso), eu disse para a turma: “Vocês me deixaram orgulhosa cumprindo o passo a passo que apresentei para vocês algumas aulas atrás. É ótimo ver que vocês são tão responsáveis com a aula de inglês. Parabéns, galerinha!”, e isso trouxe um sorriso gigante na cara dos meus alunos. A aula correu com fluidez e terminou antes do esperado, com 6 minutos de sobra; praticamos todo o conteúdo da aula por meio de um jogo que eu tinha “na manga”, e isso foi fruto do esforço deles, visto que essa é uma das formas que nos faz conseguir ser maleáveis com o planejamento escrito. Sinto que o processo foi um sucesso. (DIÁRIO DA AUTORA, 03/10/2022).

Os alunos se sentem motivados a aprender, o que fica evidente com a Técnica 33, principalmente com o desafio do tempo. Além disso, notou-se uma carga de tempo maior para estudar os conteúdos, pois os alunos, que antes gastavam 10 minutos para chegar e sair, se organizando e abrindo material, gastam na média de 4 a 5 minutos agora, ou seja, houve redução de aproximadamente 50% do tempo que eles levavam no início da pesquisa.

Consegui fazer uma distinção entre aquilo que o autor chama de “elogio x reconhecimento” na Técnica 44 (LEMOV, 2011, p. 231):

Reconhecimento é quando as expectativas foram alcançadas e elogio é quando foram superadas. Crianças que alcançam a expectativa merecem que isso seja notado e o reconhecimento se enquadra nisso, uma simples descrição do que o aluno alcançou – até mesmo um “Muito obrigado” pode ser suficiente: “Você estava pronto para a aula na hora certa, João!” [...] Crianças que fazem algo realmente excepcional também merecem ouvir que o que elas fizeram estava além e acima do esperado – ou seja, merecem ser elogiadas. O elogio geralmente carrega um julgamento para além da mera descrição: “Excelente trabalho, João!”.

Era esperado, segundo a hipótese lançada, alcançar um sistema que se provasse efetivo durante a aplicação das técnicas, podendo atingir as expectativas apresentadas durante um planejamento de aula.

Lemov (2011) elaborou técnicas para serem testadas. Essa foi a meta deste trabalho. Entendo, afinal, que o melhor é combinar o máximo de técnicas possíveis dentro de um sistema que deverá ser proposto a longo prazo e testado recorrentemente.

Como o tempo da pesquisa foi de quatro semanas, percebi que o trabalho aprofundado de quatro técnicas, com auxílio de algumas outras no percurso (como a Técnica 46 – Fator A), trouxe um resultado significativamente positivo. Entretanto, percebi que a eficácia das técnicas poderia ser maior se aplicadas num período mais extenso. A obra de Lemov (2011) pode servir para qualquer profissional da educação que busca, acima de tudo, transformar seu lecionar e incentivar seus alunos a serem curiosos, organizados e motivados pela busca do conhecimento.

Sendo assim, é de extrema necessidade buscar um estudo contínuo a respeito de técnicas que levem o professor a se tornar sua melhor versão em sala de aula, a fim de proporcionar um ambiente agradável e motivacional para os alunos. O uso das técnicas auxiliou minhas aulas no sentido de criar rotinas, trazer propostas de atividades claras e bem explicadas, aplicar o discurso positivo, perceber a diferença entre o elogio e o reconhecimento do trabalho bem-feito. Segundo a Técnica 44 (LEMOV, 2011, p. 231), é importante que o aluno entenda que há diferença entre fazer a obrigação e fazer algo acima do esperado (quando ele recebe um elogio).

Como professora, sinto que meu amadurecimento profissional deslançou após a leitura crítica que fiz de Lemov (2011), principalmente vendo os resultados obtidos com

meus alunos nesse período de estudo e aplicação das técnicas. Essas técnicas (as quatro descritas neste trabalho) foram um insumo aprofundado daquilo que apliquei, entretanto venho fazendo testes recorrentes em sala de aula com outras que me parecem eficientes e geralmente tenho um resultado significativo e positivo. Acredito que todas têm um propósito realmente válido, que pode ser, de alguma forma, aproveitado. Lemov (2011) soube organizar o lecionar de um professor em etapas claras e em forma de manual, o que não deve, é claro, ser seguido à risca, mas precisa ser tomado como uma ferramenta de ajuda ao educador (principalmente em início de carreira, quando temos nossas maiores dúvidas e incertezas). Minha autonomia e organização melhorou nesse período, assim como minhas aulas, e o retorno que as crianças trouxeram foi também mais aparente (se comunicavam mais e perguntavam do conteúdo, buscando sempre cumprir os “desafios” propostos).

Entendo também que o ensino de língua estrangeira é desafiador e que não há uma única abordagem para ensinar língua. Cabe a nós, professores, nos desafiarmos a testar outras metodologias, técnicas e abordagens.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ANDRA, M. E. D. A.; PONTIN, M. M. D. O diário reflexivo, avaliação e investigação didática. **Revista Meta: Avaliação**, v. 2, n. 4, p. 13-30, 2010.

ANTHONY, E. M. 'Approach, method and technique'. **English Language Teaching**, vol. 17, issue 2, p. 63-67, 1963.

BARANHUKE JUNIOR, C. F. **Ensino complexo de línguas adicionais**: um atlas conceitual de rotas teórico-didático-metodológicas. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2021. 138 p.

BECSKEHÁZY, I.; MELLO, G. N. Prefácio à edição brasileira. In: LEMOV, D. **Aula nota 10**: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência. Tradução Leda Beck; consultoria e revisão técnica Guiomar Namó e Paula Louzano. São Paulo: Da Boa Prosa, Fundação Lemann, 2011.

BORGES, E. F. V. Comunicativo e comunicacional no ensino de línguas. **Linguagens e Diálogos**, v. 3, n. 1, p. 29-42, 2012.

\_\_\_\_\_. Metodologia, abordagem e pedagogias de ensino de língua(s). **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 13, n. 2, p. 397-414, jul./dez. 2010.

BOSZKO, C.; ROSA, C. T. W. Diários reflexivos: definições e referenciais norteadores. **Revista Insignare Scientia**. v. 3, n. 1, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/11135>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BURGESS, J.; BATES, D. **Other duties as assigned**: tips, tools, and techniques for expert teacher leadership. Alexandria, Virginia USA: ASCD, 2009.

CARDANO, M. **Manual de pesquisa qualitativa**: a contribuição da teoria da argumentação. Tradução de Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis: Vozes, 2017.

CUSHING, I. Language, discipline and 'teach like a champion'. **British Educational Research Journal**, v. 47, n. 1, p. 23-41, February 2021.

FREITAS, A. L. P. 'Aula nota 10' x o ensino de inglês como língua adicional em escolas públicas brasileiras: diferentes propostas de letramento. **Signos**, ano 32, n. 2, p. 9-21, 2011.

HOLLABAUGH, J. Teach like a champion: 49 techniques that put students on the path to college, Doug Lemov - Book Review. **International Journal of Instruction**, v. 4, n. 1, January 2011.

INSTITUTO NEUROSABER. **A importância de elogiar as crianças**. Disponível em: <<https://institutoneurosaber.com.br/a-importancia-de-elogiar-as-criancas/>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles in language teaching**. 2<sup>nd</sup> edition. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LEMOV, D. **Aula nota 10**: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência. Tradução Leda Beck; consultoria e revisão técnica Guiomar Namó e Paula Louzano. São Paulo: Da Boa Prosa, Fundação Lemann, 2011.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, K. F. **Centros de aprendizagem**: transdisciplinaridade na educação bilíngue. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017. 137 p.

NEW ROUTES. **Techniques, methods and approaches**: much ADO about nothing?. Disponível em: <<https://newroutes.com.br/ingles/techniques-methods-and-approaches-much-ado-about-nothing/>>. Acesso em: 29 jan. 2023.

OLIVEIRA, L. A. **Métodos de ensino de inglês**: teorias, práticas, ideologias. São Paulo: Parábola, 2014.

RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. **Approaches and methods in language teaching**. 3<sup>rd</sup>. edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

SANTOS, A. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. In: SANTOS, A.; SOMMERMAN, A. (Org.). **Complexidade e transdisciplinaridade**: em busca da totalidade perdida. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 15-38.

DE SOUSA, A. S.; DE OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

TUCKMAN, B. W. **Manual de investigação em educação**: como conceber e realizar o processo de investigação em Educação. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

VALENTI, K. S. **A CRT analysis of Teach like a champion 2.0**. Master's Theses, Program in Cultural and Educational Policy Studies, Chicago, IL, May 2019.